









Ela me levou para fora.  
— Precisa de carona? — perguntou. Eu estava com o carro do meu pai bêbado. Ela parecia bem preocupada.  
— Não, obrigado.  
— Charlie, não vou deixar você dirigir desse jeito.  
— Desculpe. Eu vou a pé - eu disse.  
— São duas horas da manhã. Eu levo você para casa.  
Ela foi a outro quarto para pegar as chaves do carro. Eu fiquei lá há um tempo a morrer.  
— Você está branco como um papel, Charlie. Quer um pouco de água?  
— Não. Não sei. — Comecei a chorar como um louco.  
— Aqui. Deite-se no sofá — disse ela.  
Ela me deitou no sofá. Trouxe uma toalha de rosto umedecida e colocou na minha testa.  
— Você pode dormir aqui esta noite. Tá bom?  
— Tá.  
— Agora fique calmo. Respire fundo.  
Eu fiz o que ela me pediu. E antes que eu dormisse, eu disse uma coisa:  
— Não vou poder fazer mais isso. Desculpe — eu disse.  
— Tudo bem, Charlie. Agora durma — disse Sam.  
Mas eu não estava falando mais com Sam. Estava falando com outra pessoa.  
Quando eu dormi, tive um sonho. Meu irmão, minha irmã e eu estávamos assistindo à televisão com a tia Helen. Tudo estava em câmera lenta. O som era abafado. Ela estava fazendo o mesmo que Sam fez comigo. Foi quando eu acordei. E não sabia o que diabos estava acontecendo. Sam e Patrick estavam de pé na minha frente. Eu perguntava se eu queria o café da manhã. Acho que disse sim. Foi quando eu percebi que parecia preocupada. Patrick parecia normal. Comemos bacon e ovos. Todos falavam pouco. Não sei por que estou falando com você agora. É muito importante. Nem um pouco. Mary Elizabeth e todos os outros estão bem. A mãe de Sam estava ocupada verificando tudo, fomos embora.  
Os pais de Sam e Patrick entraram na varanda.





23 de agosto de 1992

Querido amigo,

Nos últimos dois meses eu estava no hospital. Eles me deram alta ontem. O médico me disse que minha mãe e meu pai me encontraram sentado no sofá da sala da minha casa. Eu estava completamente nu, assistindo à televisão, que não estava ligada. Eu não falei nem mudei de posição, foi o que ele disse. Meu pai chegou a me dar um tapa para me fazer acordar e, como eu já lhe disse, ele nunca bate em mim. Mas não funcionou. Então eles me levaram para o hospital. Mas não fiquei quando tinha sete anos, depois que tia Helena cuidou por uma semana. Nem mesmo Patrick, que me levou durante aquele período. É assim mesmo. E depois, pelo que eu sei, a médica...